
Um manifesto: PretaLab e a apropriação das tecnologias por mulheres negras¹

Mário Gonzaga Jorge Júnior²
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia

RESUMO

Considerando a baixa participação das mulheres negras no mercado tecnológico, este artigo, a partir do paradigma da apropriação das TICs, analisa as organizações PretaLab e Olabi. Em particular, examina o manifesto que convoca mulheres negras ao protagonismo na inovação e na tecnologia do Brasil, confrontando as infraestruturas tecnológicas que excluem a diversidade presente no mundo. As análises são orientadas pelas perspectivas da decolonialidade e do feminismo negro. Conclui-se que as iniciativas analisadas correspondem à perspectiva da apropriação, utilizando ferramentas que visam romper as barreiras das hierarquias sociais e do racismo cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Apropriação; Tecnologias; Mulheres negras; Pretalab. Olabi.

Introdução

A crescente relevância da tecnologia na vida das pessoas e na sociedade contemporânea é um dado incontestável. Todavia, cabe questionar quem está por detrás das inúmeras programações, soluções e inovações tecnológicas e quem são as pessoas que apresentam respostas, no universo digital, às necessidades de grupos historicamente relegados (Silva, 2020). O que os dados apresentam, é que o setor ainda mantém um perfil hegemônico e que faltam mulheres, mais ainda, negras e indígenas.

A partir da perspectiva teórica e metodológica da Apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), este artigo apresenta uma pesquisa com dados sobre o setor no Brasil, evidenciando o profundo processo de desigualdade, todavia, buscando evidenciar possibilidades de transformação a partir da ação de grupos específicos. Neste sentido, apresentamos o trabalho desenvolvido pela PretaLab³, uma iniciativa que atua na

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Mestre em Comunicação, Mídia e Formatos Narrativos (UFRB). Pesquisador do Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD). E-mail: marjor87@gmail.com.

³ <https://www.pretalab.com/>

produção de dados sobre o setor no Brasil e que junto a Olabi⁴ busca criar alternativas para ampliar a diversidade nas áreas de tecnologia e inovação. A PretaLab é considerada uma organização pioneira no desenvolvimento de ações que visam a inserção de mulheres negras no mercado de trabalho, que tem se destacado na produção de dados e articulação de políticas públicas e privadas e se consolida com ações que envolvem ciclos de formação e uma plataforma de conexão de mulheres negras que trabalham ou desejam trabalhar em tecnologia.

Neste trabalho, analisamos o vídeo manifesto e a pesquisa divulgada pela organização, que apresenta um panorama da falta de representatividade na tecnologia e escancara a insuficiência de dados oficiais e levantamentos sobre a presença da mulher negra neste mercado e buscamos apreender o fenômeno como um exemplar da experiência da Apropriação das TICs no Brasil.

PretaLab: políticas por inclusão e maior diversidade no setor

Criada em 2014 como um espaço dedicado à aprendizagem de tecnologia na cidade do Rio de Janeiro, a Olabi acumula oito anos de trabalho nas áreas de inovação social, tecnologia e criatividade. Uma das suas iniciativas foi a criação em 2017 da PretaLab, organização social que trabalha pela democratização da produção de tecnologia e atua na inclusão de mulheres negras na cena brasileira de inovação. A Pretalab se apresenta como uma plataforma que conecta mulheres negras que são ou gostariam de ser da tecnologia, por meio de ciclos formativos, rede de profissionais, mercado de trabalho, consultorias e estudos. O que começou como uma campanha se consolidou como um programa perene que inclui ações de formação, estímulo a políticas públicas e privadas, auxílio a empresas para recrutamento em diversidade e inclusão, produção de materiais e estudos referentes ao setor. Exemplo disso, é a pesquisa lançada em março de 2022 sobre a presença - ou falta - de mulheres negras na tecnologia.

O levantamento leva em consideração dados da Pnad contínua IBGE 2018, do Censo da Educação Superior 2019 e da Associação das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação e de Tecnologias Digitais 2018, sobre mulheres negras em faculdades de TI e no mercado de tecnologia e apesar de relatar a lacuna de dados sobre

⁴ <https://www.olabi.org.br/>

o setor, aponta a persistência da ausência de mulheres negras e indígenas e o quanto isso prejudica a expansão do mercado no país.

O estudo sobre mulheres negras e seu impacto nas tecnologias demonstram que, representando quase 28% da população brasileira, segundo o IBGE em 2018, as mulheres negras representam a maior fatia da demografia do país, mas ainda uma parcela muito pequena nos quadros das empresas de tecnologia. Apenas 3% estão matriculadas em curso superior de Engenharia da Computação e 11% trabalham em empresas de tecnologia. A pesquisa denuncia a ausência de dados oficiais que retratem a situação, recorrendo a levantamentos setoriais e iniciativas independentes, como a pesquisa da Brasscom feita entre 2018 e 2019 com 845 mil profissionais trabalhando em empresas de software, hardware, serviços e comércio de tecnologia. O material constata o que chama de “desproporção de acesso ao mercado de trabalho” no caso das mulheres negras.

Além do relatório publicado em março de 2022, aqui discutido, foi lançado o vídeo manifesto⁵ nas plataformas digitais, que faz parte do nosso *corpus* de análise, em que convida mulheres negras a se unirem na ocupação destes espaços. Recorrendo à metáfora do “link” como um acesso que abre a novas possibilidades, a novos caminhos, o produto audiovisual, bem como a proposta intrínseca da organização, desafia a infraestrutura existente que rejeita a diversidade, propondo novas formas possíveis de conexão pela apropriação das tecnologias por grupos minorizados.

Fundamentação Teórica e metodológica

O artigo visa analisar o trabalho desenvolvido pela “PretaLab” utilizando a ferramenta da Apropriação das Tecnologias da Informação (TIC). Segundo Suzana Morales (2009), apesar de tratar-se de uma matriz de análise ainda em construção, a temática da “apropriação” está presente nas teorias da comunicação, especialmente nos estudos de recepção na Europa e na América Latina. No contexto latino-americano, esses estudos são particularmente influenciados pelo teórico Jesús Martín-Barbero. Os trabalhos resgatam o status do popular, que antes era visto apenas como objeto de manipulação. Estudos de Hoggart sobre a cultura da classe trabalhadora destacam materiais culturais previamente desprezados, enquanto pesquisas sobre cultura popular e

⁵Vídeo manifesto: <https://www.youtube.com/watch?v=pGiWyIkJvHw&t=6s>

meios de comunicação de massa inauguram uma nova perspectiva, reconhecendo que o popular não é simplesmente submisso, mas também um espaço de resistência (Hall, 2003, p. 133).

Morales (2017) afirma que, de modo geral, a noção de apropriação das TICs segue uma lógica semelhante, afastando-se de visões deterministas sobre a relação das pessoas com os meios de comunicação. Essa noção tem sido associada às práticas que os sujeitos desenvolvem a partir de seu vínculo com as tecnologias. As práticas de apropriação são aquelas através das quais os sujeitos empreendem uma tarefa de elucidação sobre seu próprio vínculo com as tecnologias e o que elas representam na sociedade. “O uso de tecnologias torna-se então uma atividade lúcida em que os atores sociais os adotam e adaptam, com maior ou menor grau de criatividade e aproveitando as potencialidades da interatividade que possibilitam, para a realização de projetos de autonomia individual e coletiva” (Morales, 2017, p. 40, tradução nossa)⁶.

Neste sentido, interessa-os apreender processos de resistência que se dão com a apropriação tecnológica de grupos minorizados. Neste caso, queremos observar os processos que envolvem as mulheres negras. As análises são guiadas pelos estudos decoloniais, Aníbal Quijano (2005), Maria Lugones (2020), Rita Segato (2021), dentre outros, que discutem a colonialidade como um amplo fenômeno, que tem como eixos as condições de raça e gênero enquanto organizadores do sistema de poder. Apresentamos ainda uma discussão sobre a plataformização da sociedade, a partir dos estudos de Nick Couldry e Ulises Mejias (2019), que argumentam que neste contexto ocorre uma “colonização por dados” que visa manter as estruturas de dominação do colonialismo e do capitalismo e que, a descolonização das relações de dados exige uma explosão de criatividade em muitos lugares e redes. É neste sentido que identificamos o trabalho desenvolvido pela Olabi e pela PretaLab como potenciais de transformação pela matriz da apropriação das tecnologias.

As análises são realizadas à luz das perspectivas do feminismo negro, a exemplo de Patrícia Hill Collins (2019), Lélia Gonzalez (2020) e Beatriz Nascimento (2021). Essas intelectuais negras discutem o papel atribuído à mulher negra na hierarquia social do país, alimentada pelo sistema econômico pós-abolição que reservou às mulheres negras papéis

⁶ No original: “El uso de las tecnologías se vuelve entonces una actividad lúcida en la que los actores sociales las adoptan y adaptan, con mayores o menores niveles de creatividad y aprovechando el potencial de la interactividad que ellas posibilitan, para la concreción de proyectos de autonomía individual y colectiva” (Morales, 2017, p. 40).

subordinados na hierarquia social e no mercado de trabalho, limitando suas oportunidades educacionais e profissionais, ou seja, a mulher negra como um elemento no qual se cristaliza a estrutura de dominação como negra e como mulher, se vê, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão (Nascimento, 2021) e isso se traduz, ainda hoje, na sub-representação dessas mulheres em diversos setores, dentre eles, o campo da tecnologia e inovação.

Resultados e/ou contribuições da pesquisa

A análise dos dados e das ações desenvolvidas pela PretaLab permite observar que o ecossistema tecnológico no Brasil é ainda pouco diverso e representativo, de modo que o país se mantém refém de tecnologias enviesadas e de soluções menos criativas. A imposição da ausência de mulheres negras no setor da tecnologia é um quadro de injustiça social, perpetrado pelas categorias de gênero e raça que organizam a sociedade a partir de relações desiguais e da manutenção do poder. Acreditamos, ainda, que ao distanciar as mulheres negras do protagonismo na produção de inovação, o Brasil desperdiça oportunidades de avançar econômica e tecnologicamente.

A PretaLab, uma organização desenvolvida pela Olabi, tem como principal objetivo a problematização das questões envolvendo raça e gênero, com a finalidade de evidenciar a opacidade de dados do setor e possibilitar o acesso das mulheres negras a um mercado dominado por homens brancos, conforme traduz em seu manifesto. As ações propostas pela organização almejam reverter esse quadro, tornando o setor mais diverso e representativo.. Os objetivos se assemelham a de grupos autodenominados *hackfeministas* (Natansohn e Reis, 2020), que surgem em resposta às opacidades e injustiças algorítmicas, à pouca diversidade nos espaços tecnológicos e ao crescimento das violências de gênero nos ambientes digitais. A partir da ética do cuidado, partem da dimensão da internet como direito humano, ao falar de agrupamentos que além de problematizar a ausência da diversidade nos processos de desenvolvimento e circulação das tecnologias, também reivindicam a internet como um direito humano.

Neste sentido, as iniciativas de Olabi e PretaLab podem ser compreendidas aqui na perspectiva da “Apropriação das Tecnologias da Informação e Comunicação”, pois esta é pensada como um mecanismo de transformação, um modelo de análise que contrasta com a visão determinista de massa passiva, mobilizada enquanto um projeto de

transformação da sociedade, enquanto um projeto revolucionário, que, conforme Susana Morales (2009) se realiza com o desdobramento de uma política que pertence ao campo específico do fazer que é a práxis.

Referências

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COULDRY, N., MEJIAS, U. A. Prefácio: Colonized by data” ; “1. **The capitalization of life without limit.** In: *The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism.* California: Stanford University Press, 2019.

Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **Estudos Culturais dois paradigmas.** In: Sovik, L. (Org.), *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais.* Editora UFMG, 2003.

LUGONES, M. **Colonialidade e Gênero.** In: Buarque de Hollanda, H. (Org.), *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais* (pp. 52-83). Editora Bazar do Tempo, 2020.

MORALES, S. **La apropiación de TIC. Una perspectiva.** En Morales, S. y Loyola, M.I. (Comp.), *Los jóvenes y las TIC. Apropiación y uso en educación.* (pp. 99-120). Córdoba, Argentina: Edición de las autoras, 2009.

MORALES, Suzana. **Imaginación y software: aportes para la construcción del paradigma de la apropiación.** En Roxana C. & Adrián L. (Orgs.), *Contribuciones al estudio de procesos de apropiación de tecnologías* (pp. 39 a 52). Ediciones del gato gris, 2017.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NATANSOHN, G., & REIS, J. (2021). **Digitalizando o cuidado: mulheres e novas codificações para a ética hacker.**, (59), e205905. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8664486>, *Cadernos Pagu*, 2021.

OLABI Makerspace. **PretaLab.** YouTube, 30 de set. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pGiWyIkJvHw&t=6s>. Acesso em: 04 de abril de 2022

OLABI.(2022). **Por um futuro que caibam todas as pessoas.** <https://www.olabi.org.br>.
PretaLab. (2022). Um link entre mulheres negras e a tecnologia. <https://www.pretalab.com/>.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In Lander, E. (Org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.* (pp. 227-278). Clacso, 2005.

SEGATO, R. **Aníbal Quijano e a perspectiva da colonialidade do poder.** In Segato, R. *Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda* (pp. 43-83). Editora: Bazar do Tempo, 2021.

SILVA, Tarcízio. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiáspóricos.** Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020.